

As gramáticas do português como língua estrangeira

Este capítulo faz uma breve revisão de onze gramáticas do português voltado para o estrangeiro (cinco das décadas de 60 e 70 e seis após 90) no que concerne ao tópico regência verbal e/ou afins – complementaridade verbal, preposições regidas de verbo etc. –, com a finalidade de verificar como o falante não-nativo da língua está sendo orientado por esses manuais⁶⁶.

Publicada originalmente em 1942, a gramática introdutória de Williams (1976) dedica o início de quase todos os capítulos aos verbos e suas conjugações, mas não faz qualquer comentário a respeito de seu uso regencial. Sobre os complementos verbais, o autor apenas aproveita as explicações sobre os pronomes pessoais para mostrar ao leitor as formas usadas como objetos (direto e indireto), sua posição em relação ao verbo (antes, no meio ou depois) e as possíveis combinações entre OD e OI (ex. te + as = tas) – que, aliás, não são mais usadas no português.

Excetuando-se sua preocupação com os verbos seguidos diretamente de infinitivo e aqueles intermediados por preposição (principalmente, *a* ou *de*), as preposições em geral não são objetos de descrição na obra de Williams (1976).

Thomas (1969), ao contrário, dedica um capítulo inteiro às preposições, iniciando por algumas considerações gerais a respeito (origem, posição dos pronomes pessoais e *basic historical prepositions*). Ele continua por descrever, exaustivamente, os principais usos de cada uma das preposições (simples e compostas) mais comuns existentes no português até chegar a uma lista de construções alternativas que ilustra a gama de possíveis variações no uso das preposições. Dentre as gramáticas aqui analisadas, é das mais completas sobre o assunto, porém, o mesmo autor, cinco anos depois, publica outra gramática, de conteúdo muito mais sucinto.

⁶⁶ Deu-se preferência às gramáticas de PLE (e não aos livros didáticos) porque é onde se esperava encontrar com maior facilidade e abundância o assunto ‘regência verbal’, posto que um item gramatical. Além disso, os manuais são basicamente o local (*locus*) de aplicação dessas gramáticas.

Também escrita em inglês, mas voltada ao ensino do português falado, a gramática de Thomas (1974) trata indiretamente de regência verbal ao dedicar uma lição inteira ao uso de algumas preposições, dando exemplos e tentando relacioná-las às suas supostas correspondentes na língua inglesa: ‘a’ (‘to’ e ‘at’); ‘até’ (‘as far as’, ‘until’, ‘by’ e ‘even’); ‘de’ (‘of’, ‘from/of’, ‘by’, modificadores, ‘about/of’ e ‘to’); e ‘em’ (‘in’, ‘at’, ‘on’, ‘into/onto’ e casa de família ou loja comercial). Além destas, são apresentadas, em outras lições, as funções das preposições *em*, novamente, e *por*, e as diferenças e semelhanças entre *para* e *a* e entre *por* e *para* – estas últimas são, reconhecidamente, um problema para os estrangeiros.

Mas, assim como Williams (1976), Thomas (1974) só fala de complemento verbal quando se refere aos pronomes pessoais usados como objetos direto e indireto.

Sá Pereira (1973) descreve a língua portuguesa como se dedicasse sua gramática a falantes nativos. Desde a Introdução, há excesso de detalhes, como se pode perceber pela seção sobre os mecanismos de produção do som no português, que inclui um diagrama sobre os órgãos responsáveis pela fala humana.

O tema regência verbal e seus assemelhados, entretanto, não são explicitados nessa gramática; como, em geral, os capítulos seguem uma estrutura fixa: *Vocabulary*, *Grammar*, *Reading* (seguida de perguntas) e *Drill*; o aluno acaba praticando aqueles pontos gramaticais, indiretamente, durante as leituras e os exercícios.

O único momento em que Sá Pereira (1973) fala de objeto direto e objeto indireto é quando trata dos pronomes pessoais, suas formas combinadas, mudanças na forma após o verbo e regras de colocação – exatamente como Williams (1976) e Thomas (1974). E as poucas vezes em que trata das preposições regidas de verbo é para diferenciar os pares ‘por X para’ e ‘para X a’ ou quando discorre sobre os *dependent infinitives* – verbos que introduzem infinitivo diretamente ou por meio de preposição.

Lançado um pouco antes dos três anteriores, Prista (1966) cobre os principais pontos da língua portuguesa escrita dando às preposições um pequeno espaço: opta por oferecer somente exemplos de frases com as principais delas – sempre correlacionando, assim como Thomas (1974), as duas línguas de interface (antes *de/before*, após/*after*, depois *de/after*, até/*until/as far as*, desde/*since*,

através de/*through/across*, sob/*under*, sobre/*over/on*, por cima de/*over/above*, ao lado de/*beside*) –, as diferenças de uso entre ‘por’ e ‘para’ e as preposições usadas entre determinados verbos e a forma infinitiva.

Prista (1966, p. 34-41) ainda dedica um capítulo de sua obra aos pronomes pessoais, onde inclui as explicações sobre o uso dos pronomes como complementos de verbo – forma, colocação e combinação. Mas note-se que, da mesma maneira que Williams (1976), Thomas (1974) e Sá Pereira (1973), ele prefere não tratar diretamente do assunto regência verbal – embora chegue a dar a definição de objeto direto e objeto indireto e falar sobre transitividade no glossário sobre termos gramaticais:

Some verbs (called transitive verbs) take direct and/or indirect objects in their predicates; other verbs (called intransitive verbs) do not take objects of any sort. In English, except for pronouns, objects do not have any special forms, but in languages which have case forms or more pronoun forms than English, objects can be troublesome (...) (Prista, 1966, p.106-107)

O autor segue conceituando os dois tipos de complementos a partir de suas características semânticas e sintáticas. Infelizmente, os exemplos dados estão em inglês e não é feita qualquer associação ao português.

Direcionada ao público de língua francesa, a gramática de Carreira & Boudoy (1993) é organizada em ordem alfabética de temas, em formato de fichamentos, onde se pode encontrar a ficha *Prépositions (après verbes, adjectifs et noms)*. Após explicarem que as preposições em português não têm correspondentes diretas em francês, as autoras apresentam uma listagem de regências – aliás, são as únicas a fazê-lo –, ao que se segue uma parte sobre as possíveis contrações com outros termos – explicação esta encontrada na maioria das gramáticas de PLE.

‘Por’ e ‘para’ também são preposições contempladas por Carreira & Boudoy (1993), mas não comparativamente – cada uma tem sua ficha em separado. Outras que também recebem mais atenção das autoras são ‘a’, ‘de’ e ‘em’. Fora isso, como a maioria dos autores aqui utilizados, elas apresentam os casos de verbos unidos a infinitivo por preposição e mostram semelhanças e diferenças entre as preposições ‘a’ e ‘para’ nos verbos de movimento.

Em Hutchinson & Lloyd (1996), um pequeno capítulo é dedicado às preposições, consistindo de três listas – uma das preposições simples, outra das

complexas (*prepositional phrases*) e a terceira de alguns poucos verbos seguidos de preposição –, todas com a tradução direta para o inglês. No capítulo seguinte, intitulado *Additional Notes on Portuguese Usage*, os autores acrescentam subitens sobre as diferenças básicas intrínsecas às duplas ‘por X para’, ‘a X para’ e ‘desde X de’, e também sobre as preposições relacionadas a tempo e a meios de transporte.

Observe-se que, como esses pesquisadores são de base funcionalista, apenas a primeira parte da obra é dedicada aos fatos essencialmente gramaticais; a segunda parte cuida das funções da linguagem e a terceira das variedades linguísticas do português do Brasil.

A autora Tyson-Ward (1997) divide sua gramática em duas partes: *Portuguese Verbs* e *Essentials of Grammar*. Na primeira, especialmente dedicada aos verbos no português, abre-se espaço para um capítulo sobre verbos seguidos de preposições (‘a’, ‘de’, ‘em’, ‘com’, ‘por’ e ‘para’), mas são listados tão-somente aqueles acompanhados da forma infinitiva – ao final, é feita uma pequena observação sobre o acompanhamento de nomes e pronomes.

Na segunda parte, a autora dispõe o tópico das preposições como Hutchinson & Lloyd (1996), ou seja, com um capítulo para preposições e outro para a dupla ‘por X para’. No primeiro, ela começa definindo o item gramatical para, em seguida, semelhantemente a alguns gramáticos de PLE, apresentar uma lista com as *simple prepositions*, outra com as *compound prepositions*, outra ainda com as preposições de tempo, além de explicações sobre as contrações, sempre com a tradução direta para o inglês. Quanto ao capítulo sobre as diferenças entre ‘por’ e ‘para’, parece ser o mais completo dentre os encontrados nas obras para falantes de inglês, pois inclui não só as situações em que aparecem, mas também exemplos para cada uma delas de forma comparativa.

É interessante notar que, similarmente aos autores da geração anterior – Williams (1976), Thomas (1974), Sá Pereira (1973) e Prista (1966) –, Tyson-Ward (1997) prefere falar de complementos verbais indiretamente, por meio das explicações sobre os pronomes pessoais (direto, indireto e reflexivo), além de tratar rapidamente sobre a posição do pronome em relação ao verbo e as contrações entre os objetos direto e indireto e entre as preposições e os objetos.

A gramática do espanhol Vicente Masip é a única, desta seleção de onze obras, escrita em português e, por isso mesmo, a que receberá mais atenção neste capítulo.

Embora Masip (2000) pretendesse uma gramática específica de português para estrangeiros – lamentando a existência apenas de gramáticas voltadas para falantes nativos –, o resultado de sua obra acaba não preenchendo essa lacuna, uma vez que se dedica a algumas questões gramaticais irrelevantes ao aprendiz de língua estrangeira.

Por exemplo, no caso do verbo, chega a discorrer sobre ele e as demais classes gramaticais, apresentando a nomenclatura de cada uma, conceituando-as e apontando as diferenças entre elas. Não bastasse esse grau de detalhamento, define exaustivamente o verbo, classifica-o segundo a tonicidade, a forma, a função e o significado. É nos dois últimos que se concentram as características da transitividade verbal: “(...) Intransitivos: possuem o significado completo da ação; não precisam de objeto: *andar, sair, correr, bocejar*. Transitivos: não possuem o significado completo da ação; precisam de objetos: *fazer, fabricar, oferecer*. (...) De ligação: servem para unir: *ser, estar, parecer* (...)” (Masip, 2000, p.104); definições que não diferem muito das oferecidas pelas gramáticas do português como língua materna.

No que diz respeito às preposições – relevante aqui na questão da regência verbal –, Masip (2000) é ainda mais detalhista, chegando a superar alguns gramáticos do PL1. Após dar a sua definição, o autor as classifica em ‘preposições essenciais’, ‘preposições acidentais’ e ‘locuções prepositivas’, listando cada tipo, ao que se segue uma tabela com a origem de cada uma delas no Latim. Além disso, ele mostra os tipos de relação que as preposições podem estabelecer (fixas, necessárias e livres), com exemplos, os agrupamentos entre elas e as contrações com outras classes gramaticais.

Finalmente, embora aparentemente cansativa, a seção sobre o significado e uso das preposições (uma a uma) e os exercícios de conjunções e preposições podem se tornar bastante úteis se utilizados adequadamente pelo professor; como material de apoio, ajudaria a esclarecer, por exemplo, as diferenças de uso entre ‘por’ e ‘para’ – o que costuma gerar muita confusão entre os estrangeiros – e, em última instância, auxiliaria no emprego adequado da RV. Talvez o que poderia ser eliminado, por desnecessário ao ensino-aprendizagem de LEs, é a explicitação de

certos termos gramaticais, a exemplo dos complementos verbais ('objeto direto', 'complemento indireto' etc.).

Masip (2000) ainda se dá ao trabalho de discutir a sintaxe segundo o binômio centro-margem e regência-dependência, o que inclui os tópicos adscrição – verbos de ligação, advérbios de lugar e pronomes adjetivos possessivos – e participação – transitividade, intransitividade, passividade e impessoalidade. Vê-se como na transcrição das respectivas seções:

3.2.2. *Adscrição*

Palavras que veiculam mecanismos de existência (verbos de ligação), localização (advérbios de lugar) e posse (pronomes possessivos) predicam algo de entidades já determinadas no discurso (...)

3.2.3. *Participação*

- . Ações e estados vinculam-se com os elementos envolvidos nessas ações ou nesses estados (...)
- . Transitividade e objeto direto (a ação precisa de elementos externos para consumir-se): (...)
- . Transitividade total (o resultado da ação verbal não está contido no verbo): (...)
- . Transitividade parcial (o resultado da ação verbal já está parcialmente contido no próprio verbo): (...)
- . Intransitividade (a ação prescinde de elementos externos para consumir-se): (...)
- . Passividade (inverte-se a ação): (...)
- . Impessoalidade (a ação prescinde de tópicos): (...) (Masip, 2000, p.156-157)

Explicações pormenorizadas não se esgotam ali: Masip (2000) oferece, ainda, uma explicação completa sobre os termos essenciais da oração – sujeito e predicado –, os termos integrantes – complemento nominal e complemento verbal – e os termos acessórios – adjunto adnominal, adjunto adverbial, vocativo e aposto –; exatamente como eles são apresentados na grande maioria das gramáticas normativas do PL1. O ápice do detalhismo está nas exemplificações de como proceder à análise sintática das orações e também à sua classificação (coordenação e subordinação).

Para finalizar a revisão das gramáticas de PLE, foram escolhidas as mais recentes delas. Escrita em inglês por um brasileiro, a obra de Perini (2002) tem um vasto capítulo direcionado às preposições, percorrendo o assunto de forma mais abrangente e completa que os demais gramáticos analisados. Primeiramente, ele explica a diferença entre preposições 'autônomas' – transformam construções nominais em adjetivas ou adverbiais – e 'governadas' – conectam complementos aos verbos, aos nomes e, às vezes, aos advérbios –, ilustrando este último com o

‘gostar’, que sempre pede a preposição ‘de’. É importante notar a atenção dada pelo autor às dificuldades do aluno estrangeiro em entender a escolha das preposições em português:

(...) An important feature of governed prepositions is that they have no clear meaning in themselves – their function is purely structural, that is, they work as connecting elements between larger portions of the sentence.

Consequently, governed prepositions present thorny problems to students because it is very difficult to justify the presence of individual prepositions in semantic terms. For instance, there’s no known reason why *gostar* requires *de*, while *adorar*, ‘to love’, requires no preposition at all and *pensar*, ‘to think’, requires *em*. Therefore, learning to use governed prepositions is largely a matter of memorizing individual cases (Perini, 2002, p.441-442).

Devido à complexidade no uso das preposições ‘governadas’, ele deixa o assunto para um capítulo à parte, sobre valência na língua portuguesa – Perini (2002) é o único dos onze gramáticos deste grupo a fazer isso. Quanto às autônomas, ele faz um apanhado de todas elas, demonstrando significados e usos – em ordem decrescente de importância – de cada uma, para depois abordar as questões de omissão e duplicação de preposições, preposição contrastiva em fim de frase e o fenômeno da crase.

No capítulo *Valency*, Perini (2002, p.469) ressalta a importância do tema:

Learning a language includes, then, learning the valency of its verbs – with particular attention, of course, to those points where it differs from the learner’s own language. Portuguese and English, being after all relatively close languages, do not differ greatly in this respect; but there are differences, and these are the subject of this chapter.

Aqui, o autor aproveita para chamar a atenção para os dois principais pontos a serem aprendidos pelo estrangeiro: os complementos do verbo e as preposições obrigatórias a ele; e dá exemplos com os verbos ‘gostar’, ‘pensar’, ‘sonhar’ e ‘dar’, chegando ao preciosismo de dedicar um subitem à classificação dos complementos em objeto direto, objeto indireto, predicativo, sujeito-complemento e complementos adverbiais – todos eles merecendo conceituação particularizada em alguma parte do livro.

Enfim, apesar de *Modern Portuguese: A Reference Grammar* assemelhar-se em muitos aspectos às gramáticas voltadas para o falante nativo do português, ainda é a que mais atende às necessidades do estrangeiro. Isso também é observado pela capacidade do autor de tratar com, ao mesmo tempo, clareza e

profundidade de questões complexas como a voz passiva e as orações relativas – atitude que o destaca em relação aos demais, mesmo em relação a gramáticas mais atuais que a dele, como Keller (2006), a seguir.

Portuguese for Dummies é um manual de referência da língua portuguesa bastante descontraído, que faz parte de uma série conhecida pela variedade de temas, sempre dedicada a principiantes. O pouco que Keller (2006) contribui para o ensino da regência verbal está limitado a uma página sobre objetos indiretos (em comparação com a estrutura em inglês iniciada com ‘to’) e uma outra sobre conectivos, incluídas aí apenas as preposições ‘desde’, ‘até’, ‘com’, ‘por’, ‘de’ e ‘sobre’, cujos significados estão listados numa tabela: ‘since’, ‘until’, ‘with’, ‘through/by’, ‘of’ e ‘about’.

RESUMINDO, as gramáticas de português para estrangeiros ainda não estão preocupadas em oferecer melhor conteúdo sobre o uso da RV, se restringindo a algumas explicações sobre as formas empregadas como objeto direto e objeto indireto e sobre o uso de algumas preposições – sendo que, nesse caso, há uma tendência à tradução direta do inglês para o português, utilizando-se uma matriz de correspondências. Portanto, em geral, essas gramáticas acabam não servindo de material de apoio para o professor de PLE que pretende ensinar aos seus alunos como aplicar as regras de transitividade na língua portuguesa.